

Ruy Moreira

PENSAR E SER EM GEOGRAFIA

ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico



editora **contexto**

Paulo C. D. Juliano

E PRINCÍPIOS LÓGICOS PARA O MÉTODO CONCEITOS, CATEGORIAS E O ENSINO DA GEOGRAFIA

A geografia é uma forma de leitura do mundo. A educação escolar é um processo no qual o professor e seu aluno se relacionam com o mundo através das relações que travam entre si na escola e das ideias. A geografia e a educação formal concorrem para o mesmo fim de compreender e construir o mundo a partir das ideias que formam dele. Ambas trabalham com ideias. O que são as ideias para a geografia e a escola? O que é o mundo para ambas? Em que medida a geografia e a escola se unem e se juntam na tarefa de compreender o mundo como nosso mundo? O que uma oferece à outra?

Mundo e ideia de mundo

Raramente nos damos conta de que em cada canto trabalhamos com as coisas reais a partir das suas ideias. Isto é, com a representação que temos do real. Por isso que tomamos a ideia pela realidade, a ideia da coisa pela coisa, confundindo a leitura com as próprias coisas. Assim, por exemplo, na geografia confundimos a geomorfologia com o relevo, a ideia da coisa com a coisa real. E isso pela simples razão de que são nossas ideias que formam o que chamamos de mundo e orientam nossas práticas. De o homem diferir dos outros seres pelo princípio da ideia. Antes mesmo de produzir um objeto, o homem formula seu desenho na cabeça. E feito isso, produz exatamente como o idealou. Marx

(1985) resume o princípio da ideiação na metáfora da abelha: o pior dos arquitetos é melhor que a melhor das abelhas, porque antes de construir sua casa projeta-a na cabeça. Duas consequências podem advir dessa nossa confusão da relação entre a ideia e o real: dispensarmos o real, tomando por real a ideia, ou dispensarmos a ideia a título de que não é o próprio real. No primeiro caso, absolutizamos verdades. No segundo, caímos no empiricismo. Em ambos os casos, dissolvemos a possibilidade da reflexão crítica do conhecimento.

Mas o que é o real? E o que é a ideia?

A ideia não é uma invenção pura e simples de nosso pensamento, uma especulação sem nem menos de nosso intelecto. A ideia é o que resulta da nossa relação intelectual com a realidade sensível, o real sensível traduzido como construção do intelecto através do conceito. Daí dizemos que é uma representação.

Por que é importante essa consciência da representação? Porque uma vez assim entendida, a ideia pode ser submetida ao fio crítico do debate, permitindo-nos: 1) refletir sobre nossas leituras do mundo; 2) clarificar o modo como as produzimos e praticamos; 3) desfazer o dogma do conhecimento; 4) estabelecer os limites da teoria; 5) perceber que várias alternativas de representação são possíveis; e; 6) compreender o poder das ideias na transformação da sociedade em que vivemos.

A produção da ideia e a práxis

A ideia que temos da coisa (o real) é o resultado da síntese de dois campos distintos: o campo sensível e o campo intelectual. Uma formulação que está presente em todas as fases da filosofia. O campo sensível é o terreno dos sentidos (a visão, o tato, a audição etc.) e da percepção (as sensações reunidas numa única imagem em nossa mente). O campo intelectual é o terreno do pensamento e dos conceitos. Esses dois campos se interligam através de nossas práticas.

Até aqui, a ideia é produzida a partir de dois campos distintos: o campo sensível e o campo intelectual. Uma formulação que está presente em todas as fases da filosofia. O campo sensível é o terreno dos sentidos (a visão, o tato, a audição etc.) e da percepção (as sensações reunidas numa única imagem em nossa mente). O campo intelectual é o terreno do pensamento e dos conceitos. Esses dois campos se interligam através de nossas práticas.

Através de nossas ações práticas, a ideia assim transformada em teoria retorna ao mundo externo para orientar nossas relações com o mundo, formando-se a práxis. Nossa relação com o mundo é, assim, uma práxis, isto é, nossa prática combinada com nossa teoria numa interação dialética. Na práxis, a teoria (a ideia da coisa) e a

Mundo e representação

Assim se origina e se define o papel da representação. É então o que chamamos de mundo.

Chamamos mundo ao modo como estruturamos nossa relação com as coisas que nos rodeiam a partir da ideia que formamos delas. O modo como a partir desse entendimento as trazemos para nosso campo de significações. Daí dizemos que o mundo são as nossas representações. Porque o vemos e vivemos segundo a ideia e o sentido que temos dele. A questão é como da ideia chegamos à representação e ao mundo.

Inicialmente tudo nos parece indeterminado na nossa prática de experimentação das coisas do nosso entorno. Temos a percepção dos fenômenos, mas nada de determinado e definitivo podemos afirmar sobre eles. Nossa percepção sensível nos põe em contato com coisas singulares. Aos poucos, a observação atenta vai vendo nelas aspectos comuns e por meio da reunião desses aspectos o horizonte do singular e as responsabilidades para o do universal. Surge, assim, um plano geral que nos permite voltar às coisas singulares para reunir agora para cada uma delas os aspectos que lhes são específicos e comuns, surgindo o horizonte da particularidade. Por reunir o singular e o universal, o particular é então reunido para cada uma delas os aspectos que lhes são específicos e comuns, surgindo o horizonte da particularidade. Por reunir o singular e o universal, o particular é então reunido para cada uma delas os aspectos que lhes são específicos e comuns, surgindo o horizonte da particularidade. Por reunir o singular e o universal, o particular é então reunido para cada uma delas os aspectos que lhes são específicos e comuns, surgindo o horizonte da particularidade.

Dito de outro modo: é quem introduz o conceito. Por isso dizemos que por meio do conceito as coisas se tornam concretas e determinadas (Kosik, 1969; e Lefebvre, 1969b). Porque a impressão da desordem sensível inicial deu lugar a uma ordem racional ao mundo das coisas. Dizemos, assim, que há relação entre os fenômenos e por meio dessa relação é que podemos compreendê-los.

Dizemos que esse quadro de compreensão forma o mundo quando a ele emprestamos um sentido de significação, coisas e relações do mundo passando a ser ontologicamente algo para nós.

Assim como o conceito vira mundo pela significação que lhe emprestamos, assim também por meio da relação entre imagem e fala vira representação. Esclareçamos esse ponto.

A representação é o mundo construído na dialética da imagem e da fala. Vimos que a imagem surge no campo da percepção, e a fala surge no campo da tradução intelectualiva dessa imagem, e que ambas estão inscritas no conceito. A representação é o produto da transcodificação que se estabelece entre imagem e fala dentro do conceito, na qual a imagem se exprime através da fala e a fala codifica e dá voz à imagem. Assim, na representação, é pela fala e pela imagem que o mundo se nos apresenta. É por meio delas que se faz presente. De modo que mundo é a imagem e a fala com que o representamos ao fazermos intervir o sentido da significação no conceito.

A arte, a ciência e a religião são as formas correntes de representação. Campos de significação enxertados no conceito, mas cada qual a seu jeito. Reside aqui a diferença que há entre a epistemologia e a ontologia. A epistemologia tem centro no conceito. A ontologia tem centro no sentido das significações. Por isso, a epistemologia se define no campo da ciência (para muitos, epistemologia é o mesmo que filosofia da ciência), deixando a arte e a religião como campos de outros âmbitos de reflexão.

Limitar-nos-emos neste texto ao campo da epistemologia, deixando o tema da ontologia para outro momento.

A ciência como forma de representação

A ciência é uma forma de representação que vê e organiza o mundo através do conceito, restringindo a relação entre a imagem e a fala a esse nível de representação. O conceito vem basicamente de nossa relação lógica – intelectual – com o mundo, num ato de racionalização dos dados sensíveis. Todo conceito tem de um lado forte ligação com os princípios lógicos que o norteiam e de outro com a categoria através da qual intervem. De modo que princípios lógicos, conceitos e categorias são, assim, os elementos essenciais da construção da representação científica. Os conceitos, as categorias e os princípios lógicos agem num plano combinado. Os princípios lógicos são a matéria-prima racional da construção do conceito. E as categorias são os conceitos vistos na ação prática de transformar os dados da experiência sensível em teoria. E todos eles são a expressão da razão em sua tarefa de organizar os dados da percepção sensível num conceito de mundo (ou do mundo como um conceito científico e produto da razão).

A expressão mais acabada da razão na ciência é o método. A tal ponto que a ciência pode ser definida como o conhecimento metódico. Isso significa dizer que no conhecimento científico o fundamento é o método. E em ciência método é todo caminho que conduz ao conhecimento. O que faz do conhecimento a própria forma da representação científica.

A chave do método é a categoria. E vimos que a categoria é o conceito em ação. Pode-se mesmo dizer que a categoria é o seu conceito, querendo-se dizer com isso que a categoria atua nos limites e no propósito do seu conceito. O que empresta poder de categoria a um conceito é a rede de relações que ele leva o fenômeno a ter com as demais categorias do seu campo de representação.

Idéia e representação em geografia

Vejamos como podemos pensar esse corpo geral de teoria de mundo e da representação em ciência no campo específico da geografia.

A geografia é uma forma particular de ciência que tira sua especificidade de relacionar imagem e fala por meio da categoria da paisagem. E essa especificidade vem do fato de que para produzir a sua forma de representação de mundo a geografia tem que conceber o mundo como espaço. Essas duas categorias necessitam para isso mobilizar

a categoria intermediária do território. Paisagem, território e espaço formam, como vemos a seguir, a triade das categorias da representação e construção da idéia de mundo da geografia. Mas qual é o conceito de paisagem, território e espaço? E como se forma a representação em geografia. Isso significa valorizar a imagem e a fala na representação geográfica. E, assim, a sensibilidade e a inteligência, fontes da imagem e da fala como antes havíamos analisado. Daí que a geografia sempre parece ficar num meio-termo entre a arte e a ciência, duas formas próximas de representação.

Dessa especificidade sai o seu método. O método da geografia é também o de acompanhar o vaivém das retranfigurações da imagem e fala, mas partindo do princípio de que imagem e fala são atributos da paisagem e por isso trocam de posição e dialogam – a imagem vibra fala e esta vibra imagem que volta a ser fala numa troca de posições ininterrupta – em caráter permanente dentro da representação geográfica. Por conta da paisagem o retorno recíproco da fala e da imagem é uma necessidade maior ainda na geografia. Não basta, portanto, constituir a imagem e exprimi-la pela fala como sucede acontecer para a maioria das ciências. Mas descrevê-la em palavras com um rigor fotográfico. E no mínimo detalhe. De modo que o trânsito recíproco da imagem e da fala signifique o trânsito entre os conceitos de paisagem, território e espaço, que são a essência epistemológica da geografia. Isso porque em seu método a geografia busca na paisagem (a imagem) os detalhes que tenham constância, isto é, que se repitam, de forma a por meio da permanência poder encontrar os padrões que levem à evidencição da organização do espaço (a fala). E isso significa estabelecer uma relação entre o visto e o dito em que a imagem sensível da paisagem se transforme na fala do conceito do espaço.

Ver e pensar é, então, como podemos resumir o processo do método em geografia. Método que consiste em passar da descrição do visível da paisagem (o plano do sensível na geografia) à compreensão da estrutura invisível do espaço (o plano do inteligível), o que só vem com a intervenção estruturadora do conceito (Moreira, 1982a)

Ver e pensar é também como nela podemos resumir o processo de produção da representação de mundo. Vejamos dois exemplos.

Ver e pensar em geografia: como temos visto e pensado

É próprio de toda forma de representação ver e pensar de diferentes modos. A geografia não foge à regra. Dois diferentes modos podem ser vistos como exemplo: o modo de ver e pensar histórico e o que surge nos anos 1970.

Em cada um deles movem-se as categorias da paisagem, do território e do espaço, exprimindo o modo de combinação da imagem e da fala (da sensibilidade e da inteligência) que é próprio da geografia. Mas cada qual ilustra um modo distinto de representação, pelas diferentes maneiras de conceber cada uma daquelas três categorias e, sobretudo, a forma como juntas produzem a idéia e o conhecimento do mundo.

a) O modo de ver e pensar clássico:

Esquematisemos:

1. O ponto de partida é a afirmação de que a geografia é o estudo da relação homem-meio, por meio da organização do espaço pelo homem.

2. No entanto, logo no começo, homem e meio são dicotomizados e o estudo do homem é visto como objeto da geografia humana e o da natureza abandonada no caminho e o espaço como forma de organização não é chamado a intervir.

3. Por isso, cada uma das categorias vai aparecendo como coelhos saindo magicamente da cartola por mero passe de prestidigitação no andamento da descrição da paisagem, a exemplo da categoria trabalho, que faria homem e meio se encontrarem.

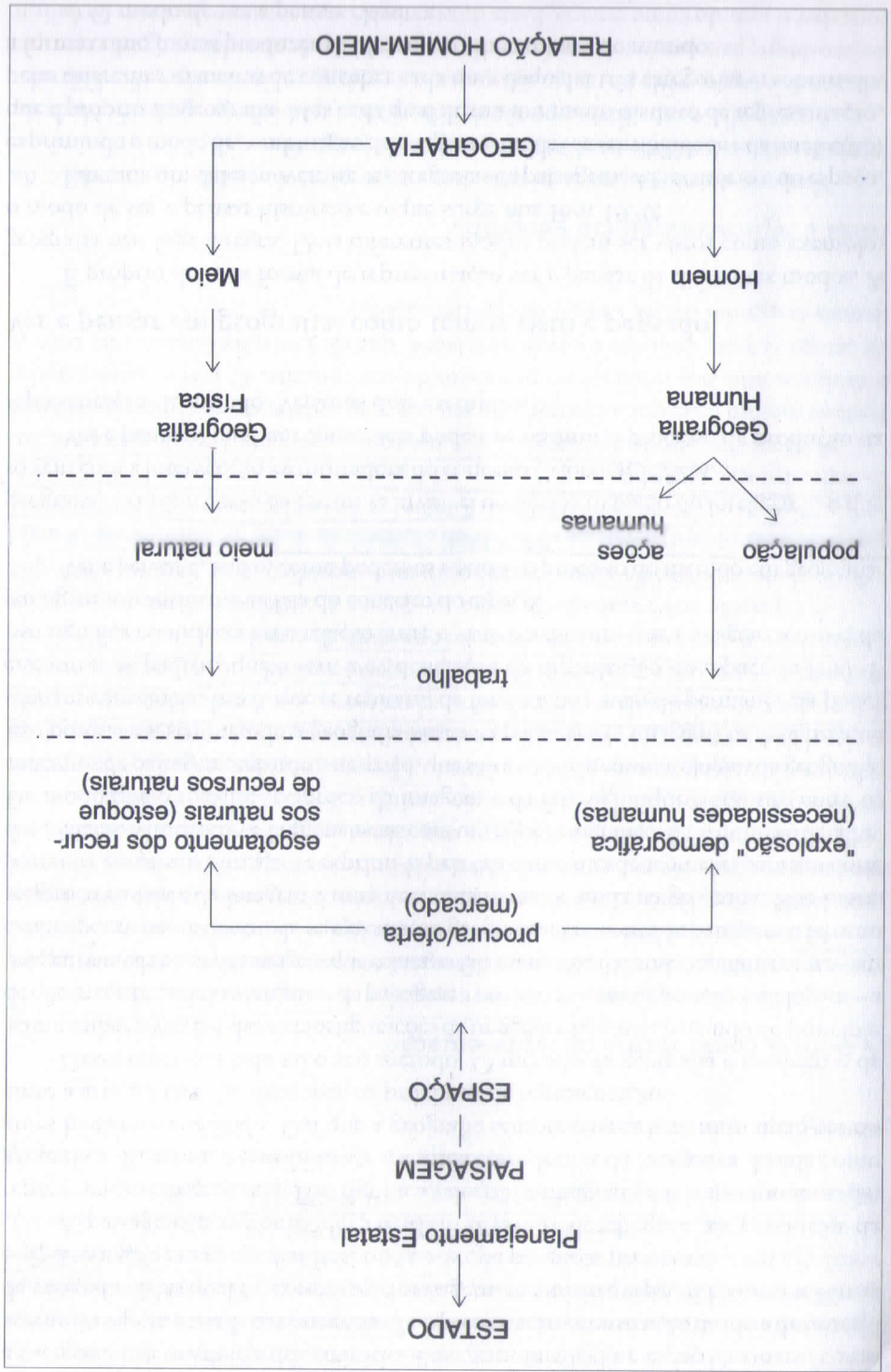
4. Como se deixa de operar desde o começo com a noção de relação e de organização, não há o desenvolvimento propriamente de um raciocínio, seja de relação ambiental, seja de organização espacial.

5. Ao contrário, o que vai se erguendo é a construção de um edifício em cascos, de padrão em blocos N-H-E.

6. O nexu totalizador só começa a ficar transparente quando: 1) no meio do processo de montagem da representação, a relação homem-meio aparece sob a forma malhusiana pura e simples da relação necessidades *versus* recursos sob a mediação do mercado; ou 2) no final o discurso fecha mostrando a ação do Estado como escopo e sujeito da organização do espaço.

Alguns problemas decorrem desse esquema de representação: 1) o primeiro problema refere-se ao lugar do homem: é um homem atópico, não está na natureza (foi excluído da geografia física) e não está na sociedade (foi excluído da geografia humana). Não estando num mundo e noutra, é um homem reduzido à categoria de população e população é uma expressão clássica (pode ser tudo e qualquer coisa) e opaca (nada é social ou naturalmente definido); 2) o segundo refere-se ao lugar correlato de natureza: é uma natureza confundida com os fenômenos naturais do entorno, coisas físicas e fragmentárias; 3) por fim, o terceiro e último refere-se ao modo de encaixe da relação: homem e natureza se deparam, numa recíproca relação de exterioridade, e então o que era uma relação no início não evolui como tal e se projeta sem nenhum plano de convergência no curso e no fim do pensamento, movendo-se como realidades dicotômicas, vagas, sem lenço e sem documento.

A decorrência disso é a ideia de que há uma estrutura invariável de sociedade: seja qual for seu tempo e espaço, a sociedade é sempre uma estrutura N-H-E (algumas vezes H-E-N e outras E-H-N, o que dá no mesmo). Assim, seja qual for o seu modo de produção, a sociedade não se altera em sua forma de organização geográfica. Ora, o tipo de solo, para dar um exemplo, pode ser o mesmo como



substrato territorial da relação homem-meu em dada sociedade, mas a forma como essa relação o incorpora depende do modo e do papel que ele cumpre na dinâmica processual da organização espacial dessa sociedade. O raciocínio se aplica a outras categorias de fenômeno. Todavia, dado essa invariância, é a categoria que faz a relação e não a categoria (na geografia, é a categoria que dá origem à estrutura e não a estrutura à categoria).

Há, portanto, um problema de combinação entre imagem e fala. E que podemos expressar do seguinte modo: em geografia a categoria nunca é acompanhada do conceito. Segue-se daí uma sequência de outros problemas, todos como desdobramento de uma certa indigência teórica: 1) a invariância tricotômica (a estrutura é a mesma no espaço e no tempo); 2) a essencialidade taxonômica (é um discurso classificatório e catalográfico); 3) a aglutinação em casos (as categorias evoluem em paralelo e desligadas, sem o recurso do conceito); 4) o caráter descritivo do texto (falta análise geográfica na inter-relação dos dados).

Os textos escolares desse tipo de geografia têm sempre a mesma sequência de capítulos, dado o tratamento fragmentário, em separado e paralelo: a posição geográfica e astronômica, relevo, geologia, clima, hidrografia, vegetação, população, agricultura, indústria, cidades, transportes, comércio. O que faz desses textos catálogos de informações tematizadas (Moreira, 1987).

b) O modo histórico-materialista:

A partir dos anos 1970, um esquema de orientação marxista aparece, oferecendo-se como um outro modo de representação geográfica. Nesse esquema de representação, os fenômenos são concebidos em pares dialéticos, de forma que o esquema segue um movimento de mão dupla. Ademais, como na concepção marxista de história cada sociedade tem a sua forma própria de organizar seu espaço, optamos por exemplificar com o esquema de representação da sociedade capitalista.

Sabemos que nesse tipo de sociedade a essência se manifesta na aparência de uma forma inversa, como no movimento aparente do sol. O que significa que o método de leitura deve saber combinar dialeticamente esses dois níveis.

Mais que no anterior, nesse esquema mobilizar as categorias do visível e do invisível analisadas por George (1978). Trata-se de explicar o visível pelo invisível e o invisível pelo visível, numa reciprocidade de análise que força a geografia a mobilizar recursos de outras ciências. E de certo modo é por isso que num esquema de representação geográfica do tipo que vamos ver, a teoria do espaço tem muito de uma economia política do espaço, o que só se evita tendo-se sempre presente o caráter trídico das categorias de análise geográfica – paisagem, território e espaço –, e a atenção própria da geografia para o problema da transcodificação entre visto (imagem) e dito (fala), dada a importância que o conceito tem nesse esquema de representação.

PAISAGEM

arranjo	arranjo	político
espacial	espacial	jurídico-
econômico-	social	
ideológico-	cultural	

TERRITÓRIO

disciplinação produção organização naturalização

ESPAÇO

RELACIONES JURÍDICO-POLÍTICAS (ESTADO)	RELACIONES JURÍDICO-IDEOLÓGICO-CULTURAIS
--	--

estruturas de classes

estera da produção
estera da circulação

RELACIONES ECONÔMICAS
D - M₁ - P - M₂ - D'
RELACIONES HOMEM - HOMEM
RELACIONES HOMEM - MEIO

ft ot mt

Lido no sentido da paisagem para a estrutura mais íntima, isto é, do visível para

o invisível, o esquema é o que se segue:

1. A observação atenta do arranjo mostra que a paisagem é formada de distintos objetos espaciais: o cinema, a igreja, a escola, o fórum, a loja, a fazenda etc.

2. E que são distintos pelo conteúdo que encerram, por serem a expressão particular das formas de relação que se entrecruzam dentro do arranjo: relações ideológicas e culturais (o cinema, a igreja, a escola), relações jurídicas e políticas (o quartel, a delegacia, o fórum, a prefeitura), relações econômicas (a fábrica, a mina, a loja, a fazenda).

3. Então, ao se analisar seus respectivos conteúdos, descobre-se que são mediações na estrutura e hierarquia dessas relações no arranjo: as relações econômicas de produção (a fábrica, a mina, a loja ou a fazenda) e de circulação (o mercado, as empresas de transporte, os meios de comunicação ou de transmissão de energia), formando a infraestrutura, sobre a qual se superpõem como relações de controle as relações da superestrutura, naturalizando (relação ideológico-cultural), disciplinarizando (relação jurídica) e consensualizando (relação política) as tensões (de classes, ambientais etc.) da infraestrutura.

4. A análise das tensões leva a perceber em cada forma de objeto espacial – a fábrica e a fazenda são dois exemplos clássicos – uma separação dos homens em proprietários e não proprietários do objeto espacial e seus elementos.

5. E tira-se dessa percepção a explicação da origem do caráter conflitivo e dicotômico da relação homem-meio/homem-espaco existente na organização espacial dessa sociedade.

Lido agora no sentido inverso, da essência revelada de volta para a aparência mais epidérmica da paisagem, temos:

1. O ponto de partida é a relação metabólica do trabalho, isto é, a relação de intercâmbio homem-meio, na qual as forças produtivas (ft = força de trabalho, ot = objeto do trabalho e mt = meio do trabalho) se articulam ao redor da tarefa de transformar a natureza de valor de uso em meios de produção e mercadoria.

2. A relação de propriedade separa a ft (o homem com sua energia física e intelectual de trabalho) e os mp (meios de produção, isto é, objetos e meios de trabalho) em duas formas distintas de propriedade e proprietários, separando os homens entre si em donos da ft e donos do conjunto do conjunto dos mp e assim definindo a relação homem-homem.

3. A relação de compra e venda se interpõe então entre os proprietários unificando as forças produtivas a favor de um dos lados e determinando nessa mediação o conteúdo da relação homem-meio.

4. As relações homem-homem e homem-meio se enchem do antagonismo social presente na relação de propriedade das forças produtivas, tensionando social e ambientalmente a organização da sociedade pela base.

5. A finalidade mercantil força o processo econômico a dividir o espaço em

duas esferas distintas e combinadas: a esfera da produção (representada na paisagem pela fábrica, pela mina e pela fazenda) e a esfera da circulação (representada na paisagem pelas lojas de comércio, vias de transportes, meios de comunicação e redes de transmissão de energia), integrando-as pela fórmula D-M1-P-M2-D'.

6. Ao tempo a fórmula D-M1-P-M2-D' organiza-o como um movimento em ciclos do capital – em que: D = capital dinheiro; M1 = mercadorias, força, objeto e meios de trabalho; P = processo da transformação dessas formas velhas em formas novas de mercadorias; M2 = mercadoria a ser posta à venda no mercado; D' = o capital dinheiro retornado em escala ampliada pela venda da mercadoria dois com o acréscimo do lucro –, sob o comando da lei da reprodução ampliada.

7. Para evitar que a tensão da base se generalize pela totalidade das relações da sociedade, atuam as relações superestruturais com a finalidade de naturalizar (relações ideológico-culturais), disciplinarizar (relações jurídicas) e consensualizar (relações políticas) as relações da infraestrutura no nível das representações.

8. E são essas relações de infraestrutura e superestrutura que vemos formando e dando vida ao arranjo e à fisionomia dos objetos da paisagem.

O esquema do método lembra um mergulho de ida e volta nas camadas da Terra até o centro. No curso do atravessamento se tem um primeiro conhecimento das camadas, sua natureza e posição relativa na estrutura da Terra, sem poder-se analisá-las ainda propriamente. No decurso do retorno, a situação se mostra diferente. As primeiras impressões se tornam agora um conhecimento mais preciso, as relações se tornam mais consistentes e a estrutura se revela em sua essência.

Vai-se, assim, do visível para o invisível e do invisível volta-se para o visível, num movimento dialético da inteligência no curso do qual a paisagem – aquilo que no fundo se quer ver compreendido – se torna o concreto-pensado. No caminho da ida, as relações são lidas da paisagem para as relações estruturais mais íntimas. Mergulha-se na paisagem, a partir da observação da localização e distribuição dos objetos espaciais que a compõem em busca do conhecimento das conexões que levam ao conhecimento da estrutura. No caminho de volta, faz-se o movimento de retorno à paisagem para clarificá-la como um conteúdo estrutural conhecido e que esclarece e elucida o caráter de cada um dos objetos que a compõem e foram localizados no início.

Em que o segundo esquema de representação geográfica difere do primeiro? Primeiramente, é um esquema que rompe com a estrutura do N-H-E. Em segundo lugar, a relação homem-meio é uma relação de troca metabólica, em que homem e natureza intercambiam matéria e energia, numa geografia que não se separa em física e humana. Em terceiro lugar, tem um caráter ontológico, fazendo da representação um discurso do estar e ser do homem no mundo via o espaço. Em quarto lugar, é o conceito do trabalho que conduz as relações e costura todo o fluxo do pensamento.

Por outro lado, os dois esquemas têm em comum o fato de operarem com as categorias do espaço, do território e da paisagem, em negrito no segundo esquema, como categorias-chave da geografia.

Vejamos agora esses conceitos e princípios lógicos.

Categorias, conceitos e princípios lógicos da geografia

A relação homem-meio é o eixo epistemológico da geografia. Todavia, para adquirir uma feição geográfica, a relação homem-meio deve estruturar-se na forma combinada da paisagem, do território e do espaço.

Do ponto de vista da representação, tudo começa na paisagem, mas se explicita na categoria do espaço mediada na categoria do território. Interpretando a forma de relação entre elas tal como vimos no segundo esquema, vai-se do espaço para o território e por meio deste chega-se à paisagem. Mas depois faz-se o inverso: vai-se da paisagem ao território e deste chega-se ao espaço.

Por outro lado, o entrelaçamento em cadeia dessas três categorias, sempre com a centralidade na categoria do espaço, dá também a fórmula geográfica para a leitura da relação entre as categorias do meio ambiente e do espaço. Ao se exprimir como espaço através dos princípios lógicos da localização e da distribuição, que veremos a seguir, na paisagem e assim no território, o meio ambiente se organiza espacialmente, organizando a sociedade ambientalmente.

O mesmo padrão serve para a análise de toda e qualquer outra forma de relação do homem.

Paisagem, território e espaço – com o primado no espaço – são assim as categorias da geografia. Analisar espacialmente o fenômeno implica antes descrevê-lo na paisagem e a seguir analisá-lo em termos de território, a fim compreender-se o mundo como espaço. Mas em verdade quem faz essas transposições é a presença dos princípios lógicos tanto no espaço, quanto no território, como na paisagem. De modo que para entendermos como essa relação se estabelece necessitamos esclarecer a questão dos princípios lógicos na geografia.

Antes de mais nada quais são, na geografia, os princípios lógicos e como nela se relacionam princípios lógicos, conceito e categoria? Os princípios lógicos são os princípios da localização, distribuição, extensão, distância, posição e escala. Os antigos compreendiam a importância preliminar e central desses princípios na formação da personalidade e do discurso da representação geográfica. Organizar e estruturar geograficamente significava, simultaneamente, para eles, localizar, distribuir, conectar, delimitar e escalar as relações na paisagem e transportá-las para o mapa. Só então podia-se analisar a relação homem-meio/homem-espaço em sua dimensão geográfica.

Perceber um fenômeno em sua dimensão geográfica é assim primeiramente localizar, distribuir, conectar, medir a distância, delimitar a extensão e verificar a

escala de sua manifestação na paisagem. A forma como o fenômeno aparece no espaço é a do objeto espacial, a exemplo da fábrica no fenômeno econômico, da igreja no fenômeno cultural e do parlamento no fenômeno político. Todo conhecimento em geografia por isso começa na descrição da paisagem. O recorte de espaço desses objetos na paisagem é o seu território. De modo que o segundo momento do método é a aplicação dos princípios lógicos do espaço à leitura do território. Já estamos a meio passo do caminho da passagem da sensibilidade para a inteligência que, vimos no começo do texto, em geografia significa dialetar o movimento da transfiguração entre o visto e o dito (a imagem e a fala) de modo a dar no conceito do espaço. É a mediação do território que dá o salto de qualidade, analisando-se a paisagem agora a partir dos recortes de domínio do espaço. A categoria do território sai como um salto da observação da paisagem. E daí pula para se explicitar como espaço (é um recorte espacial).

Espaço, território e paisagem formam, assim, o rol das categorias de base de toda construção e leitura geográfica das sociedades. Mas são os princípios lógicos a base dessa base. São eles que criam o espaço, por estarem presentes também nele, convertem a paisagem em território e o território em espaço.

Tudo na geografia começa então com os princípios lógicos. Primeiro é preciso localizar o fenômeno na paisagem. O conjunto das localizações dá o quadro da distribuição. Vem, então, a distância entre as localizações dentro da distribuição. E com a rede e conexão das distâncias vem a extensão, que já é o princípio da unidade do espaço (ou do espaço como princípio da unidade). A seguir, vem a delimitação dos recortes dentro da extensão, surgindo o território. E, por fim, do entrecruzamento desses recortes surge a escala e temos o espaço constituído em toda sua complexidade. A presença dos princípios lógicos em cada uma das três categorias cria para cada qual uma sequência de desdobramentos subcategorias, e é isso que vai permitir a materialização do espaço na *empíria* do território e da paisagem. A localização, distribuição, conexão, delimitação e a escala são as subcategorias do espaço. Ao se manifestarem no território dão origem à região, ao lugar e à rede, que são recortes concretos (empíricos) de espaço e, assim, subcategorias do território. Na paisagem, por fim, os princípios aparecem na forma do arranjo e da configuração, que são suas subcategorias.

Abaixo temos o quadro completo das categorias e subcategorias (as categorias de categorias) de constituição da produção da ideia, da representação e do conceito de mundo na geografia:

CATEGORIAS	CATEGORIAS DE CATEGORIAS
Espaço	Localização, distribuição, distância, extensão, posição, escala
Território	Região, lugar, rede
Paisagem	Arranjo, configuração

A propriedade do olhar geográfico e o papel do método e da escola

Houve uma época em que o fazer geográfico consistia em saber empregar os princípios lógicos da localização, distribuição, extensão, densidade, conexão, delimitação, escala no estudo dos territórios e das paisagens. Já de algum tempo esses princípios foram abandonados. Por isso, antes tínhamos uma geografia com forma e sem conteúdo. Hoje temos uma geografia com conteúdo e sem forma.

Aquilo que instrumenta teoricamente uma ciência em suas representações é o arcabouço lógico-metodológico que ela emprega. E o arcabouço da geografia são esses princípios lógicos abandonados. O resgate crítico desse passado faz-se hoje necessário.

Trata-se, antes de tudo, de irmos aos ambientes que formam o mundo vivo da geografia. É a escola sem dúvida é um deles. É na escola que os princípios têm sido mantidos e praticados, ainda que de uma forma capenga. É o retorno crítico a ela tem o sentido hermenêutico de uma redescoberta ao tempo que de atualização dos princípios, categorias e conceitos da geografia à luz do nosso tempo.

A visão crítica que procuramos clarificar neste texto pode ser assim resumida: 1) os princípios são a base lógica da construção da representação geográfica de mundo; 2) a paisagem é o ponto de partida metodológico, o plano da percepção sensível dos objetos e seu arranjo, que serão lidos e descritos com a ajuda dos princípios; 3) o território vem em seguida, a partir da identificação dos recortes de domínios mapeados no arranjo da localização e distribuição e assim dos sujeitos da paisagem; 4) o espaço é o resultado final, aparecendo na clarificação do conjunto como uma estrutura qualificada de relações, em cuja base está o caráter histórico da relação homem-meu, a sociedade geograficamente organizada.

Balizada nesse esquema teórico-metodológico, nossa ideia de mundo ganha o formato explícito de uma forma de representação – a geográfica – que é das primeiras que se aprende na vida. E que, com o ensino e o conhecimento metódico, vira uma atitude de consciência crítica dos homens e das mulheres em sua busca de uma nova forma de sociedade.

A diferença do samba, isso se pode aprender na escola.

Nota

Este texto é uma reelaboração de *Conceitos, categorias e princípios lógicos para a reformulação da geografia que se ensina*, publicado originalmente nos Anais do I Encontro Nacional de Ensino de Geografia, promovido pela AGB e realizado na UnB em 1987.

DIALOGO COM OS HUMANOS E OS FISICOS: POR UM MUNDO EXPERIMENTADO POR INTEIRO

Tem havido entre os geógrafos uma preocupação mais com a unidade da ciência geográfica que com o diálogo que esta unidade supõe. Penso que o tema da unidade é extra comum o que cada geógrafo desenvolve de atividade especializada, em nome de uma formação generalista sem possibilidade concreta de ação.

Até porque o tema da unidade define-se, assim o entendemos, pela categoria teórica que cada geógrafo em seu campo de fenômeno utilize em comum com os demais, de forma que a unidade da geografia se faça em torno e por meio dela.

Este texto visa contribuir para esse diálogo. Se der em pontos unitários e comuns, melhor ainda.

O que temos em comum

A ideia que domina todo o progresso da Geografia é a da unidade terrestre, a concepção da Terra como um todo, cujas partes estão coordenadas e no qual os fenômenos se encadeiam e obedecem às leis gerais de que derivam os casos particulares. (La Blache, 1954: 30)